

Diarréia mata nove no alto Solimões

A doença, causada por uma enterobactéria resistente a antibióticos, está atingindo moradores da área indígena dos ticunas desde setembro.

Nove pessoas já morreram desde o mês de setembro, vítimas de diarréia, nas comunidades indígenas do Alto Solimões, na área Ticuna. As comunidades mais afetadas até agora são a de Belém do Solimões, onde morreram cinco pessoas – um bebê de 26 dias, um de quatro meses, um de oito meses, um de nove meses, e um adulto de 30 anos –, e a de Vendaval, com quatro vítimas fatais – uma criança de 1 ano, uma de 4 anos, uma de 11 anos e um adulto.

A doença é provocada por uma enterobactéria denominada *Escherichia coli*, que provoca diarréia grave e tem contágio direto através da água e de fezes contaminadas. A bactéria foi identificada em Belém do Solimões. Os igarapés da região estão todos contaminados. A maior preocupação dos técnicos e médicos da Fundação Nacional de Saúde (FNS), da coordenadoria de Saúde do Índio, é que a doença é resistente à maioria dos antibióticos da primeira geração, como as sulfas, tetraciclina e ampicilinas.

Em 41 amostras colhidas em

Belém do Solimões todas mostraram-se resistentes à ampicilina no teste de antibiograma, que mede a resistência da bactéria aos tipos de antibióticos. Dar ampicilina e água para os pacientes tem o mesmo efeito”, disse a coordenadora, Marília Rocha.

Os medicamentos com melhor reação nos pacientes contaminados com a bactéria têm sido os antibióticos da chamada terceira linha, como a gentamicina, mas a coordenadoria de Saúde do Índio tem problemas para administrar esses remédios. “Não trabalhamos com esses antibióticos. O que recebemos foi doado pela Susam (Superintendência de Saúde do Amazonas) e além de tudo é injetável, o que dificulta sua aplicação porque teríamos que manter um auxiliar de enfermagem na aérea e não temos condições”, explicou Rocha, acrescentando que o governo federal recolheu todos os recursos disponíveis.

Além da contaminação bacteriana, a saúde dos indígenas do Alto Solimões é prejudicada pela falta de saneamento básico, aliada à desnutrição e a doenças como

ameba e verminoses. Segundo informações da coordenadora Marília Rocha ainda não houve nenhum resultado positivo para o cólera. “A gravidade do problema aumenta devido à seca do rio e aos hábitos dos indígenas que percorrem várias tribos e comunidades a pé, podendo carregar a doença para outras áreas”, afirmou Rocha.

Os casos mais graves e fatais acontecem com as crianças menores de 4 anos. O primeiro surto ocorreu em setembro, em Belém do Solimões, que recebeu três visitas da FNS com apoio da Susam.

As comunidades de Umariassu e Campo Alegre, também Ticunas, já têm casos de contaminação. O ticuna Osvaldo Honorato Mendes, 38, de Umariassu, que fica perto de Tabatinga, disse que ainda não houve morte na sua região porque contam com o hospital militar da guarnição do município e tem atendimento médico. Técnicos da FNS estão trabalhando em Campo Alegre para saber se trata-se da mesma bactéria de Belém do Solimões.

Doenças diarreicas por semana epidemiológica*

Casos registrados até a 37ª semana	171
Menores de 1 ano	19 casos
De 1 à 4 anos	74 casos
De 5 à 9 anos	18 casos
Acima de 10 anos	57 casos
Faixa etária ignorada	3 casos

* a Coordenadoria de Saúde do Índio da Fundação Nacional de Saúde (FNS) divide o ano em 52 semanas epidemiológicas

Onde fica Belém do Solimões e Vendaval

As comunidades indígenas de Belém do Solimões e Vendaval, à margem esquerda do rio Solimões. A primeira fica a 15 minutos de Tabatinga (AM), e a segunda a 30 em viagem de voadeira. Em motor de centro, a viagem dura em torno de 45 minutos.

